
O fracasso escolar e suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem

Allisson Rodrigues¹
Valéria Aparecida Chechia
Centro Universitário UNIFAFIBE

RESUMO: De acordo com a literatura, podemos dizer que o fracasso escolar acontece por um conjunto de fatores que podem exercer grande influência sobre a vida escolar do aluno. Assim, fatores extraescolares, intraescolares, biológicos e psicológicos podem ser os responsáveis pelo insucesso escolar. O presente estudo objetiva identificar por meio de uma pesquisa bibliográfica, os fatores do cotidiano escolar que contribuem para existência do fracasso escolar na educação brasileira. A análise dos resultados permite evidenciar que tanto a escola, como a família precisam levar em conta as características culturais e o desenvolvimento individual dos alunos, principalmente as de classes populares. Além disso, verifica-se que a escola ensina segundo modelos adequados a um aluno ideal, que não é o que se tem, principalmente nos alunos das camadas populares. Conclui-se que os alunos possuem características peculiares, portanto é impossível querer exercer sobre ele uma forma de repressão que o obrigue a seguir moldes e modelos impostos por um ensino que seja igual para todos. Logo, ao querer postular um aluno ideal, nega-se as diferenças e a subjetividade de cada um, o que causa o que chamamos de sintomas de generalização que podem determinar a direção da vida de muitas deles.

Palavras-chave: Fracasso escolar, Escola pública, Relação Família-escola.

School failure and its implications in the teaching and learning process

ABSTRACT: According to the literature, we can say that school failure happens for a set of factors that can exert great influence on the student's school career. Thus, extracurricular, intra-school children, biological and psychological factors may be responsible for school failure. This study aims to identify through a literature search, the daily school factors that contribute to the existence of school failure in Brazilian education. The analysis of results show that both the school and the family must take into account the cultural characteristics and the individual development of students, especially the popular classes. Moreover, it appears that the school teaches according to models suitable for an ideal student, which is not what you have, especially the students of lower classes. We conclude that the students have unique characteristics, so it is impossible to want to exert on it a form of repression that obliges him to follow molds and models imposed by a school that is equal for all. So to want to posit an ideal student denies the differences and subjectivity of each, what causes what we call generalization of symptoms that can determine the direction of life for many of them.

Keywords: School failure. Public school. Family relationship-school.

¹ Allisson Rodrigues. End. Correspondência: Al. Vila Velha, nº 31, Jardim Menino Deus 1, CEP 14708-064, Bebedouro, SP, Brasil, e-mail: allissonunifafibe@hotmail.com

Introdução

Nesse estudo estão presentes vários autores que explicam cientificamente o motivo pelo qual o fracasso escolar está sempre presente nas escolas brasileiras, principalmente, nas públicas. O estudo situa dentro de um contexto histórico, a dados e situações importantes em relação à posição da do fracasso escolar no Brasil. De acordo com pesquisas desenvolvidas estudiosos da Psicologia e da Pedagogia, detectaram vários problemas que causam o fracasso escolar. Então, levantam-se algumas questões quem são os maiores causadores do fracasso escolar, escolas, professores, pais ou os próprios alunos? Essas e outras dúvidas são respondidas em nossa pesquisa bibliográfica, com um enfoque maior em como podemos detectar e fazer para intervir, de maneira satisfatória na vida escolar do aluno que apresenta sintomas de insucesso na aprendizagem.

O fracasso escolar no Brasil precisa ser repensado à luz de modelos pós-modernos, já que causam tanto sofrimento e prejuízo aos alunos e aos pais e este fracasso foi estabelecido recentemente quando instaurada a escolaridade obrigatória (fim do século XIX) e se tornou uma grande preocupação no mundo capitalista. Do ponto de vista social, apesar de estudado e debatido os problemas da educação brasileira, não se criou mecanismos capazes de acionar a eficiência, apenas se ampliou o número de vagas, ocorrendo uma desigualdade na distribuição do conhecimento gerando formação precária e desinteresse pelo trabalho escolar. É preciso apoiar a educação nos segmentos: aprender a conhecer, aprender a fazer, a ser, para atender as demandas e preocupar-se com o ideal da escola.

No que se refere à escola, pode-se dizer que ela é um espaço, mantido ou pelo governo federal, ou estadual, ou municipal, ou pela iniciativa privada, são espaços munidos de estrutura física adequada e regulamentada pelos órgãos competentes que definem os aspectos básicos de instalações físicas, tecnológicas e sanitárias e também o quadro de funcionários para aprovação do funcionamento de uma escola.

A escola é um prédio com funções e repartições que abrigam as pessoas que irão usar o espaço, sendo também local que promove desenvolvimento intelectual, social e emocional, dirigidos por professores e funcionários com diversas escalas hierárquicas. A escola é um lugar de acolhimento e permanência de alunos sujeitos ao

conteúdo fornecido por professores e pessoas aptas a lecionar disciplinas de ciências consideradas básicas, em um determinado período de tempo por dia, semanalmente, durante o decorrer da infância, pré-adolescência, adolescência, e fim da adolescência.

Em algum momento da história escolar no Brasil iniciam-se ocorrências, onde a parte fornecedora de conteúdos disciplinares percebe que os alunos estavam com rendimento acadêmico diminuídos, somados a desinteresse em massa pelo conhecimento, de forma quase generalizada, sendo denominado por fracasso escolar. Este fato dá sentido ao que o próprio nome e leva ao leitor entender que algo que era para dar certo ou ser sucesso acaba caindo por terra. Assim, estabeleceu-se certo grau de caos ao que se refere no que escola tinha como proposta e função.

Com a consciência, ou até uma sutil percepção de tal fracasso, começa-se um jogo de empurra-empurra para colocar alguém no alvo como o principal, ou como fonte forte e importante para que tal fracasso escolar esteja acontecendo. Uns dizem que os responsáveis ou culpados são os alunos, outros os pais, outros o governo, outros a escola. Este artigo vai discorrer com a perspectiva de uma base literária, quem afinal pode-se considerar culpado ou responsável por tal fracasso?

Assim, de modo questionador, apresenta-se a temática e fatores que sondam este assunto que é de extrema importância a ser discutido, visto que a educação é um meio importante para construção do indivíduo como cidadão. Portanto, se na escola houver sérios problemas, estes poderão ser projetados e impressos da maneira do indivíduo ser na sociedade, na família e no mercado de trabalho.

Também é objetivo deste artigo identificar os fatores do cotidiano escolar que contribuem para existência do fracasso escolar na educação brasileira. Ainda, para se ter uma base sólida que dê respaldo a uma resposta mais clara e objetiva, é necessário fragmentar a pesquisa literária, de modo à analisar os esforços pedagógicos para produção de conhecimento.

Além disso, Identificar possíveis déficits de comunicação, entre professor-aluno, que culminam em dificuldades de compreensão do conteúdo dado pelo professor, e, também verificar as principais queixas do professor e do aluno que impossibilitam a concreticidade de relacionamentos e aprendizagens, satisfatórias, e indicar as responsabilidades

individuais e sociais que colaboram com fracasso escolar.

Psicologia Educacional é uma das muitas ramificações da Psicologia Aplicada, atuando em uma área específica, utilizando aplicações de técnicas, princípios e outros meios que se interligam as vertentes do crescer e desenvolver da criança (Mouly, 1993). Desse modo, independentemente do objeto de estudo, considerável parcela de psicólogos se interessam por um fenômeno chamado de aprendizagem, este dá razão a estudos de comportamentos para o fim de obterem maior compreensão de tal fenômeno (Green, 1972).

Com relação à escola ser um contexto de aprendizagem explica Green (1972) que é nela que o estudante adquire conhecimentos teóricos, ou seja, os conhecimentos que foram acumulados ao longo da história e que foram armazenados e de modo sistêmico serão transmitidos à sociedade. Mas, a escola vai mais longe e oferece além destes, outros conhecimentos, tais como a aprendizagem e a compreensão de comportamentos que devem possuir frente aos professores e colegas, além de influenciar no pensamento e juízo. A oferta e o acesso a esses conteúdos e manejo, podem contribuir ou não para desenvolvimento social do aluno.

Na perspectiva de o fracasso escolar surgir nesse contexto o mesmo pode exercer grande influência não somente na vida escolar do aluno, mas também pode atingir o aspecto psicológico e social do indivíduo. Essa influência são situações, comportamentos e ações que ocorrem aos alunos, trazendo consequências para seu aprendizado e para a sua vida. Assim, por meio desse desempenho insatisfatório percebemos que a interação que o aluno faz com sua aprendizagem, traz consigo a força do aspecto social, do histórico e do ideológico na constituição da sua pessoa, uma vez que fracassando, passa a sentir-se incapaz, não somente como aluno, mas também como pessoa. De acordo com Bossa (2002) tão importante como a relação do indivíduo consigo mesmo, são as relações interpessoais que se processam entre o aluno e seu mundo social e emocional.

Bossa (2002) complementa que não basta só inteligência para uma boa aprendizagem escolar, mas que o sujeito tenha uma personalidade sadia e emocionalmente madura. A autora explica que para que ocorra aprendizagem depende do Inter jogo entre os fatores intelectuais e os afetivos, o equipamento biológico que o indivíduo traz ao nascer

e as condições de comunicabilidade com o meio significativo. Já Dias (2013) fala que os relacionamentos interpessoais são grandiosamente valiosos para concreticidade da vida social e também do desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo, e obter ou desenvolver relacionamentos faz com que a rede de relações sociais seja mais forte e durável. No entanto, o meio e os adultos exigem que os filhos se saiam bem na escola, como uma tarefa que, se não cumprida, terá severas consequências, a despeito das condições oferecidas. As crianças que não conseguem esse desempenho têm sua imagem e autoestima inferiorizada, sentem-se rejeitadas e isso influi na formação de sua personalidade com danos muitas vezes irreversíveis, decidindo o insucesso de seu futuro. A partir disso, apresentamos no próximo subcapítulo uma discussão e reflexão sobre o cenário do fracasso escolar na educação brasileira consequências na vida escolar do aluno.

O cenário do fracasso escolar na educação brasileira

Segundo Paula (2009), uma das facetas mais problemáticas, importantes e graves da verdade educacional no Brasil, é o fracasso escolar, com o qual, é vivenciado há muitos anos. Nos primórdios da escolarização, há maior índice desta frequência e os problemas podem ser visualizados em todas as faixas de ensino. No meio de múltiplos fatores correlatos ao fracasso escolar, eclodem-se as perspectivas extraescolares que se margeiam as condições precárias de vida e permanência significativa de uma parcela da população do Brasil.

Os dados fornecidos por Paula (2009) diz que no sistema de educação, o problema identificado é o fracasso escolar, apresentando grande importância de discussão e estudo. O que acontece, é que, ao invés de procura de métodos para desenrolar tais fracassos e achar recursos instantâneos, para que se aumente o grau de saberes e autoestima daqueles alunos que foram rotulados de fracassados, o que sobre sai é, a caçada por responsáveis causadores de tal fracasso.

Para iniciar verbalização sobre os responsáveis do fracasso escolar, Paula (2009) afirma que a partir da relação pedagógica que oriunda de um existente fracasso escolar, é difícil assumir que gera sentimentos adversários a serem superados e peitados. O saber-fazer docente é abalado por uma dor inexplicável, assim, decidem

por permanecerem parados ou pessimistas, na medida de uma possível mudança.

Na parte de comunicação ou expressão da linguagem, nenhum erro de concordância ou pronúncia pode ser deixado, passar em branco. A língua utilizada na escola é diferente da qual o aluno fala em casa com os pais, com seus vizinhos e amigos. Com receio de verbalizarem e serem criticados ou advertidos, os alunos se inibem, com vergonha de comunicar, responder e perguntar, torna-se produto final da não comunicação (Paula, 2009).

Em outra perspectiva Cavalcanti (1998) acredita que o crescimento da sociedade e o que ela causa nas crianças que estejam em idade escolar, está transformando a realidade concreta dentro da escola, mais especificamente em escolas públicas, ao que se referem famílias com baixa renda expostas a marginalização, é um tanto quanto desafiador ao despeito da prática de ensinar.

Já Aquino (1997) sustenta que em sua totalidade, incluindo a comunicação entre professor-aluno responsabiliza-se o fracasso à manha, à falta de preparo e às suas esferas vivenciais, sem pensar que o que ensina, pode estar inadequado, pois certos conteúdos podem requerer conhecimentos prévios e níveis altos de dificuldade. Mas o aluno poderá estar desprovido de tal conhecimento prévio, mesmo que o indivíduo que está ensinando se esforce para concretização do que se propôs.

Marques (2010) acredita que rotineiramente, alunos e professores deveriam ser instigados a criar esquemas para que a aprendizagem e os ensinamentos sejam realizados com criatividade e gozo, pois se estes artefatos não ocorrem, há o fracasso da escola em estender e expandir, o conhecimento.

Desse modo, buscando entender o fracasso escolar de forma mais geral, inclusive sobre os primeiros estudos sobre, encontramos Asbahr e Lopes (2006) que discutem sobre quando se iniciou as pesquisas do fracasso escolar e como foi feito para tentar acabar com essa problemática que vem sendo discutida desde o início do século XIX até nos mais atuais. Segundo, autoras os discursos que envolvem a educação atualmente vem da criação histórica da sociedade brasileira, tendo como influência as ideias e conceitos europeus e norte-americanos.

No início do século XIX chega ao Brasil as teorias raciais que tinham como principal ideia, a de que a população era degenerada, ou seja, não tinha

qualidade era muito grande a mistura de raças. Com isso foram elaboradas ideias teóricas para tentar justificar o andamento da população mestiça. Então surgiu a ideia de corrigir moralmente a parte social e racial da população.

Mas, comentam Asbahr e Lopes (2006) a recuperação não se destinava a todos. As pessoas foram divididas entre grupos que poderiam ser corrigidas ou reorganizadas e as irrecuperáveis restariam à sobra do que seria feito. Mediante a ideia da regeneração, a educação passou a ser vista como a redentora, a salvação do Brasil mestiço. Surgiram os primeiros especialistas em educação, preocupados com a higienização física e mental da infância na tentativa de possibilitar a formação de indivíduos normais. Normal era o indivíduo fisicamente sadio, obediente, trabalhador, colaborador – aquele que se ajustava ao sistema (Patto, 1999).

Ainda conforme Asbahr e Lopes (2006), a infância era vigiada para tentar ao máximo, detectar qualquer sinal de irregularidade que pudesse levar a criminalidade e à loucura. Era fundamental um médico na escola para fazer essa avaliação e isso foi inesquecível na educação.

Nessa discussão Paula (2009) descreve que ao país vive em escassa situação financeira, e este é, responsável dentre os inúmeros fatores de nutrição deficitária e fome, ausência de habitação apropriada, e também saneamento básico adequado, ou seja, é um agrupamento de privações, em que grupos sociais de menor privilégio, têm de conviver.

No entanto, observa-se que a Psicologia vem contribuindo para a educação na forma de demonstrar que o fracasso escolar e social não está no indivíduo, em sua família ou em sua raça. Críticas preconceituosas são feitas a algumas décadas de que o fracasso escolar está nos negros e pobres que somente os ricos, que é a classe elitizante está favorável ao sucesso. Verifica-se por meio da literatura que essa ideia ainda é presente no cotidiano escolar, no pensamento dos professores, pais e até mesmo do próprio aluno.

Porém, há existência de perspectivas fracassadas no movimento intraescolar. Este está relacionado segundo Paula (2009, p.36) “ao currículo, aos programas, ao trabalho desenvolvido pelo professor e pelos especialistas, as avaliações de desempenho dos alunos, e outros”. Fatores extraescolares e intraescolares concorrem para o fracasso, mesmo que a esmagadora maioria se deva

com exatidão à pobreza material que fazem de vítimas as crianças.

Asbahr e Lopes (2006) realizaram uma pesquisa, utilizando entrevistas com professores e alunos de uma escola pública em São Paulo. O objetivo era saber o que eles pensavam a respeito do fracasso escolar. A escola convocou Asbahr e Lopes para realizar a avaliação Psicológica com sessenta crianças de 4º, 5º e 6º anos do ensino fundamental que não aprendiam a ler e escrever o conteúdo dado na sala de aula.

Professores, coordenadores pedagógicos e a direção da escola queriam que a Psicologia explicasse o porquê isso acontecia. Para isso fizeram a seguinte pergunta aos professores sobre os alunos: “Quais são as suas hipóteses sobre a queixa apresentada?” As respostas foram as seguintes: falta de interesse da família, que não incentiva e ajuda a criança na escola; situação familiar complicada: separação de pais, violência doméstica, abandono, falta de interesse por parte da criança Infantil, “bobinho”; não se sentiam capazes de aprender.

Ainda na pesquisa de Asbahr e Lopes (2006) foi perguntado aos alunos a mesma questão, e muitos responderam o que ouviam na escola e de seus próprios pais, tinham a consciência de que eram responsáveis (ou até culpados) pelo mau desempenho escolar: também responderam que não aprendiam nada porque tomava muito café com água de coco; não posso tomar café porque desaprendo; porque fazia muita bagunça; não sei. De acordo com Asbahr e Lopes (2006), as respostas provam que há influência de concepções da Psicologia no pensamento e na ação cotidiana escolar, no que se refere às crenças familiares.

A partir desses dados, as autoras concluíram que a origem da Psicologia da Educação confundiu-se com as próprias origens da Psicologia científica. Questões referentes à educação escolar passaram a ser objeto de estudo da Psicologia desde a sua instituição como ciência. Portanto, percebe-se que a partir da década de 40 do século XX, a Psicologia da Educação torna-se, contudo, campo de atuação profissional orientado, principalmente para a resolução dos problemas de aprendizagem.

Ainda hoje, apesar das críticas radicais, a concepção de fracasso escolar que se apoia no preconceito contra pobres e negros trazidos pelas chamadas “teorias radicais” do século XIX, continua fortemente presente no dia a dia das escolas, no

discurso dos professores, pais e até mesmo dos próprios alunos.

É interessante observar que o racismo científico é oriundo da chamada “teoria da carência cultural”, estabelecida nos Estados Unidos nos anos de 60 e 70. Esta teoria responde aos movimentos reivindicatórios das minorias norte-americanas, cuja base social foi muito bem recebida no Brasil, a partir dos anos 70.

Tal teoria fundamenta-se na mobilidade social e igualdade de oportunidades, porém não conseguiu garantir igualdade de acesso e permanência na escola a todos porque buscou justificar a inferioridade escolar e profissional a que está condenada grande parcela da população negra (Patto, 1999).

A respeito da participação dos pais na vida escolar dos filhos, pôde ser percebido que as crianças, geralmente, realizam as tarefas escolares sozinhas. De acordo com Bhering e Siraj-Blatchford (1999), as famílias hoje em dia, modificaram seus papéis, obrigações e estruturas tradicionais, devido aos avanços sociais, tecnológicos e econômicos, fazendo com que os pais tenham que, crescentemente, dividir entre si, afazeres domésticos e deveres em geral, com isso o tempo que os pais têm para dedicar aos filhos é escasso. No entanto o desenvolvimento das potencialidades da criança é realizado de modo mais eficaz com o suporte, instruções e situações oferecidas pelos pais, bem como pelos professores de uma maneira coesa.

Em concordância a essa explicação Paula (2009), Baeta (1992) acrescentam que não ter atenção e carinho, tomar conta dos irmãos, e até mesmo não ter espaço apropriado para estudar, é um dos fatores disparadores e contribuintes para a concretização do fracasso escolar.

Ao aprofundarmos no tema de processos relacionais familiares é possível identificar que o conflito conjugal e a existência de frequentes adversidades no ambiente familiar, influenciam no desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes que fazem parte deste contexto familiar (Benetti, 2006).

Os impactos causados pelo conflito conjugal nas crianças e adolescentes afetam, além de seus processos psicológicos, também seus processos cognitivos e relacionais. Esse fator expõe com maior frequência a criança e/ou adolescente, a condições de estresse familiar. Certos padrões de relação conjugal, especialmente os relacionados à grande adversidade e violência, foram associados a

desordens no desenvolvimento cognitivo, social e emocional, inclusive psicofisiológicas em crianças e adolescentes (Benetti, 2006). Os pais juntos devem prestar apoio à criança que se desenvolve na escola, pois os pais devem servir de suporte para promoção de desenvolvimento do currículo escolar e se quiserem que seu filho tenha sucesso na escola é necessário fazerem das atividades familiares campos extensores das propostas escolares, já que os pais são convocados a participarem da vida escolar de seus filhos (Carvalho, 2000).

Vale frisar que um ponto muito importante é o convívio com o coletivo. Este é um aspecto muito importante na ação infantil e juvenil, pois é a partir da interação com os colegas, adultos, familiares e daí por diante, que o aluno iniciará a produção e realização de suas atividades. A maneira ou o modo que a criança exerce ação em relação aos objetos e com outras pessoas é a todo o momento será mediada pela interação de modo impresso com o qual foi Vygotsky ensinou (Carvalho, Salles & Guimarães, 2002).

O que se percebe é que certa vez a responsabilidade é da criança, ora da família, ora de certa camada social, outrora, a culpa fica por conta das esferas sociais, econômicas e políticas. O sentimento questionador, é, se realmente há alguém em particular, à ser responsabilizado pela inexistência de aprendizagem, sabido que no processo para aprender, o contexto deve ser motivador, estimulador e também incentivador, sendo assim, jamais um fator isolado pode ser culpabilizado (Paula, 2009).

Desta forma, se faz necessário que a educação seja revista e repensada, a fim de admitir os alunos como indivíduos biopsicossociais, considerando todas as suas experiências e aprendizagens (Gonçalves, 2006).

Concluindo, Cada ser é um ser com suas características, peculiares e especificidades, portanto é impossível querer exercer sobre ele uma forma de repressão que o obrigue a seguir moldes e modelos impostos. Hoje, ao querer postular uma criança ideal, negam-se as diferenças e a subjetividade de cada uma, o que já causa o que chamamos de sintomas e que pode determinar a direção da vida de muitas delas.

Métodos

Este estudo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, cuja revisão da literatura foi realizada por meio de livros e artigos científicos da

base do Scielo, empregando os termos: fracasso escolar; escola pública; relações interpessoais. Os livros consultados são de posse do acervo da biblioteca do Centro Universitário UNIFAFIBE.

Resultados e Discussão

Observou-se por meio da revisão bibliográfica o papel importante, profundo e construtor que a escola possui já que os estudantes permanecem quantidade considerável de tempo dentro do ambiente escolar. Este por sua vez, dá sentido a muitos comportamentos adquiridos pelos alunos através do que observam dos colegas, dos professores e dos funcionários. Também foi possível perceber a influência da escola, nos comportamentos que os alunos exprimem no seu contexto familiar, uma vez que tais fatores foram vivenciados e aprendidos na escola, assim como também os comportamentos aprendidos e observados em casa podem ser levados de alguma forma para escola. A análise da literatura revelou ainda que a família é um atenuante muito importante para o desenvolvimento escolar e pessoal do estudante, podendo até ser um responsável muito ativo e que poderá definir sucesso ou fracasso escolar do aluno.

Nesse sentido, é importante citar Cavalcanti (1998) que explica que pais e escola são uma grande potência para que o ambiente escolar seja melhorado, como modificar a experiência dos educandos em uma vivência mais agregadora. Daí a grande importância dos pais serem os mais presentes possíveis, como meio mais importante e preventivo para não ocorrência do fracasso escolar, é importante que os pais acompanhem as atividades diárias dos filhos de modo que possam, no início, detectar alguma dificuldade do filho (aluno) a fim de que essa dificuldade possa ser sanada ou minimizada.

As condições da convivência em família também são fatores que influenciam na evasão escolar. Motivos são variados pela obrigação de abandono da escola como, por exemplo: ter que sair da escola para trabalhar e ajudar no sustento da família. Portanto, a responsabilidade de conduzir uma criança para um bom ou mau caminho será das pessoas que a rodeiam, cabendo à família primeiramente e depois à escola por meio de seus profissionais juntamente com os pais contribuírem para seu desenvolvimento integral onde serão trabalhadas as emoções de forma prazerosa,

resultando em grandes aprendizagens significativas, tanto em casa quanto na escola.

Verificou-se também que as instituições educadoras vêm sendo mal estruturadas sem que haja uma forma de se ter uma escola de qualidade, na qual se reúnem vários aspectos como a desigualdade e culturas diferentes, não estão sendo articuladas e diversificadas a forma de trabalho dessas instituições.

Diversos programas foram criados pelo governo para as instituições de ensino fazendo com que se efetive uma educação de qualidade ainda não está sendo concreto e satisfatório. Desse modo apresentam as dimensões intraescolar em quatro planos, destacando os elementos que devem compor cada uma delas como enfatizam Dourado e Oliveira (2009).

De acordo com os autores o plano do sistema – condições de oferta de ensino – refere-se à garantia de instalações gerais adequadas aos padrões de qualidade, definidos pelo sistema nacional de educação em consonância com a avaliação positiva dos usuários; lazer e recreação; biblioteca com espaço físico apropriado para leitura, consulta ao acervo, estudo individual e/ou em grupo, pesquisa on-line, entre outros.

Com relação ao professor observou-se que é possível encontrar inúmeros fatores que focalizam possíveis causas para o fracasso escolar, mas em alguns a literatura aponta a prática do professor como um fator desencadeador do fracasso escolar. Entender o que leva os alunos ao fracasso escolar é uma tarefa bastante complicada. Afinal, não há consenso sobre uma verdade universal (ainda que seja uma meia verdade temporária), mesmo que essa se refira a uma determinada cultura, em um dado momento histórico. O professor necessita admitir e acolher o novo, tendo como finalidade a convivência com as diferenças. Logo, o preconceito não deve estar em seu ser e nem dentro da sala de aula, aprender, aceitar e conviver com as diferenças é uma tarefa importantíssima do professor. Consideramos as várias possibilidades de um fracasso escolar estar dentro ou fora da escola. De acordo com os autores e suas pesquisas, o fracasso escolar ocorre por meio de um conjunto de fatores que é difícil detectarem, um único responsável, e que é muito frequente passar por cima ou não ver a realidade dos alunos.

Considerações Finais

Concluimos que foi possível analisar que o cenário do fracasso escolar no Brasil não está margeado em apenas um fator específico, isolado a apenas à responsabilidade de alguém ou de algum fator. Dessa maneira, podemos inferir que o aluno está inserido num contexto social, escolar e familiar e não há como culpar a escola ou uma área de atuação dela, visto que a escola é um conglomerado de estímulos culturais, sociais, padrões, regras, subordinações.

Além disso, é um contexto com uma vasta gama de pessoas envolvidas no processo escolar, portanto não há possibilidade de se dizer que a existência de um fator, de alguém, ou algum estímulo ou falta de, seja é o responsável pelo fracasso escolar, já que cada vertente possui sua parcela de responsabilidade por tal. Sendo assim, a família, os pais pode ser uma parcela, aparentemente, maior no que se refere a cuidados com seus filhos para que o fracasso escolar não chegue até eles, sendo necessário que afeto, atenção e estimulação da aprendizagem sejam contínuos.

É necessário que haja comunicação satisfatória na relação família-escola que cercam o aluno a fim de que seja possível exposição do que aprendeu, do que pode ser melhorado, do que está dando certo, gerando um bom convívio social dentro da escola, dentro de casa e na sociedade. Também, a escola, os professores, o governo, os pais, as têm sua parcela de negligência no que se refere ao fracasso escolar, podendo ser este trabalho uma reflexão, para buscar soluções para o desenvolvimento do sucesso escolar de forma constante, preparando melhor os pais e alunos.

Referências

- Alarcão, I. (org.). (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Aquino, J. G. (1997). *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. (4a ed.). São Paulo: Summus, pp. 7-24.
- Asbahr, F.S. & Lopes, J.S. (2006). A ideologia das aptidões naturais. In J.C. Durand (Org.). *Educação e hegemonia de classe*. São Paulo: Zahar.
- Baeta, A. M. B. (1992). Fracasso escola: mito e realidade. *Série Ideias*. São Paulo, 6(1), 17-23.
- Benetti, S. P. da C. (2006). *Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do*

- adolescente*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
- Bhering, E. & Siraj-Blatchford, I. (1999). A relação escolar-família: um modelo de trocas e colaboração [Versão eletrônica], *Cad. Pesqui.* 106, 191-216.
- Bossa, N. (2002). *Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico*. Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, M. E. P. de. (2000). Relações entre família e escola e suas implicações de gênero [Versão eletrônica], *Cad. Pesqui.* 110, 143-155.
- Carvalho, A., Salles, F. & Guimarães, M. (Orgs.). (2002). *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Cavalcanti, R. C. (1998). Colaboração entre pais e escola: educação abrangente [Versão eletrônica], *Psicol. Esc. Educ.* 2(2), 153-159.
- Del Prette, z. A. P. & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: proximidade histórica e atualidades. *Revista Perspectivas*, 1(2), 104-115.
- Dias, D. A. (2013). Importância da relação terapêutica na prática clínica. *comporte-se psicologia e análise do comportamento. Portal Comporte-se*. Recuperado em 04 de junho de 2016, de <http://www.comportese.com/2013/06/aimportancia-da-relacao-terapeutica-na-praticaclinica/>
- Dourado, L.F. & Oliveira, J.F. (2009). A qualidade da educação: perspectivas e desafios. *Cad. Cedes*, 29(78), 201-215.
- Gonçalves, A. S. (2006). Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral [Versão eletrônica], *Cadernos Cenpec*, (2), 117-138.
- Green, D. R. (1972). *Psicologia da educação*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Marques, E. S. A. (2010). *As práticas pedagógicas e histórias de fracasso escolar: conhecendo os elementos mediadores nessa relação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.
- Mouly, G. J. (1993). *Psicologia educacional*. São Paulo: Pioneira.
- Patto, M.H.S. (1999). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paula, V. M. dos S. R. de. (2009). Fracasso escolar: quem são os culpados? [Versão eletrônica], *Sciencult*, 1(1), 12-27.
- Recebido em 26/03/2017
Versão final em 16/08/2017
Aceito em 02/10/2017